

FICHA TÉCNICA

Título original: *An Ember in the Ashes*

Autora: *Sabaa Tahir*

Copyright © 2015 by Sabaa Tahir

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Isabel Nunes*

Capa: *Design de Emily Osborne*

Conceção gráfica: *Art Machine, A Trailer Park Company*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 404 655/16

1.ª edição, Lisboa, março, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PARTE I

O RAIDE

I

LAIA

O meu irmão mais velho chega a casa na hora sombria que antecede a madrugada, quando até os fantasmas descansam. Cheira a aço e a carvão e a forja. Cheira ao inimigo.

Dobra o corpo magro e desengonçado através da janela, os pés descalços silenciosos sobre os juncos. O vento quente do deserto segue-o, fazendo rumorejar as cortinas caídas. O caderno de esboços cai ao chão, e, com um pequeno empurrão rápido do pé, o meu irmão fá-lo deslizar para debaixo do beliche, como se fosse uma cobra.

Onde estiveste, Darin? No meu espírito, tenho coragem de fazer a pergunta, e o Darin confia suficientemente em mim para responder. *Por que motivo estás sempre a desaparecer? Porquê, se o Pop e a Nan¹ precisam de ti? Se eu preciso de ti?*

Durante quase dois anos, todas as noites tive vontade de fazer a pergunta. Todas as noites me faltou a coragem. Só me resta um irmão. Não quero que me exclua, como fez a toda a gente.

Esta noite, porém, é diferente. Sei o que contém o livro de esboços. Sei o seu significado.

— Não devias estar acordada. — O sussurro do Darin desperta-me dos meus pensamentos. Tem a sensibilidade dos gatos para armadilhas, herdou-a da nossa mãe. Sento-me no beliche, enquanto ele acende o candeeiro. Não vale a pena fingir que durmo.

— A hora do recolher já lá vai, e passaram três patrulhas. Estava preocupada.

¹ Designações afetuosas para «avô» e «avó». (NT)

— Sei evitar os soldados, Laia. Muita prática. — Apoia o queixo no meu beliche e faz o sorriso doce e retorcido da nossa mãe, uma expressão familiar, a mesma que me faz quando um pesadelo me acorda ou quando ficamos sem cereais. *Vai correr tudo bem*, diz a expressão.

Pega no livro que tenho no beliche. Lê o título: *Encontro na Noite*. — Assustador. É sobre quê?

— Comecei-o há pouco. É sobre um *jinn*²... — Calo-me. Esperto, muito esperto. Gosta tanto de ouvir histórias como eu gosto de as contar. — Esquece. Onde estiveste? O Pop teve uma dúzia de doentes esta manhã.

E eu substituí-te porque ele não pode fazer tanta coisa sozinho. O que fez com que a Nan tivesse de encher os frascos de compota para o mercador sem ajuda. Só que não acabou. Agora, o mercador não nos paga e vamos passar fome este inverno, e por que razão não te importas tu?

Digo estas coisas na minha cabeça. O sorriso já abandonou o rosto do Darin.

— Não fui feito para ser curandeiro. O Pop sabe disso.

Desejo capitular, mas penso nos ombros curvados do Pop esta manhã. Penso no caderno de esboços.

— O Pop e a Nan dependem de ti. Pelo menos fala com eles. Já lá vão meses.

Fico à espera que me diga que não compreendo, que o devia deixar em paz, mas ele limita-se a abanar a cabeça, deixa-se cair no beliche e fecha os olhos, como se não se desse ao trabalho de responder.

— Vi os teus desenhos. — As palavras saem-me da boca de rompante, e o Darin ergue-se de imediato, o rosto duro como uma pedra.

— Não andei a bisbilhotar — asseguro. — Uma das páginas estava solta. Encontrei-a esta manhã quando mudei os juncos.

— Contaste ao Pop e à Nan? Eles viram?

— Não, mas...

— Laia, escuta. — Com dez infernos, não quero ouvir! Não quero ouvir as desculpas dele. — O que viste é perigoso — declara. — Não podes dizer a ninguém. Nunca. Não é só a minha vida que fica em risco. Há outros...

— Estás a trabalhar para o Império, Darin? Estás a trabalhar para os Marciais?

² Espírito da mitologia muçulmana que pode assumir várias formas. (NT)

Ele fica calado, e julgo ver-lhe a resposta no olhar. Sinto-me mal. O meu irmão é um traidor do seu próprio povo? O meu irmão está do lado do Império?

Se ele carregasse cereais ou vendesse livros ou ensinasse crianças a ler, eu compreendia. Teria orgulho nele por fazer as coisas que eu não tenho coragem de fazer.

O Império assalta, encarcera e mata por tais «crimes», mas ensinar uma criança de seis anos a ler não é um mal, não na mente do meu povo, os Eruditos.

Todavia, o que o Darin fez é mórbido, é uma traição.

— O Império matou os nossos pais — murmuro. — A nossa irmã.

Tenho vontade de gritar com ele, mas as palavras engasgam-me. Os Marciais conquistaram as terras dos Eruditos há quinhentos anos e, desde então, nada mais fizeram a não ser oprimir-nos e escravizar-nos. Em tempos, o Império dos Eruditos albergava as melhores universidades e bibliotecas do mundo. Agora, a maior parte do nosso povo não sabe a diferença entre uma escola e um depósito de armas.

— Como é que pudeste aliar-te aos Marciais? Como, Darin?

— Não é o que tu pensas, Laia. Eu explicava tudo, mas...

Interrompe-se de súbito, erguendo a mão para me silenciar, quando eu lhe peço a prometida explicação. Inclina a cabeça na direção da janela.

Através da parede fina, ouço o ressonar do Pop, a Nan a mexer-se no sono, o arrulho choroso de uma pomba. Sons familiares, sons do meu lar.

O Darin ouve outra coisa, e o sangue esvai-se-lhe do rosto, o medo faísca-lhe no olhar. — Laia — diz. — Raide.

— Mas se tu trabalhas para o Império... — *Então, por que motivo nos assaltam os soldados?*

— Eu não trabalho para eles. — Parece calmo, mais calmo do que eu me sinto. — Esconde o caderno. É isso que eles querem, foi por isso que vieram.

Desaparece pela porta, e eu fico sozinha. As minhas pernas nuas movem-se como melaço frio, as mãos como blocos de madeira. *Despacha-te, Laia!*

Normalmente, o Império ataca no calor do dia. Os soldados querem que as mães e as crianças assistam. Querem que os pais e os irmãos vejam a família de outro homem a ser escravizada. Por muito maus que sejam esses raides, os noturnos são piores. São para quando o Império não deseja testemunhas.

Pergunto-me se isto é real, se é um pesadelo. É real, Laia. Despacha-te.

Atiro o caderno de esboços pela janela, para o meio de uma sebe. É um mau esconderijo, mas não tenho tempo. A Nan entra a camalevar no quarto. As mãos dela, tão firmes quando mexem as tinas de compota ou me entrançam o cabelo, adejam quais pássaros agitados, desesperada por que me mexa mais depressa.

Puxa-me para o corredor. O Darin está com o Pop junto da porta das traseiras. O avô tem o cabelo branco despenteado qual meda de palha e as roupas engelhadas, mas as rugas fundas do seu rosto não revelam sono. Murmura qualquer coisa ao meu irmão e depois entrega-lhe a maior faca de cozinha da Nan. Não sei por que motivo se dá a esse trabalho; contra o aço temperado de uma espada dos Marciais, a faca vai estilhaçar-se.

— Tu e o Darin fogem pelo quintal — diz a Nan, de olhos a saltar de uma janela para outra. — Ainda não cercaram a casa.

Não, não, não. — Nan — murmuro o nome e tropeço quando ela me empurra para junto do Pop.

— Escondam-se do lado leste do bairro... — A frase termina num soluço, o olhar pousado na janela da frente. Por entre as cortinas puídas, entrevejo um rosto de prata fluida, e o meu estômago aperta-se.

— Um Máscara! — exclama a Nan. — Trouxeram um Máscara. Vai, Laia, antes que ele entre.

— E tu? E o Pop?

— Nós mantemo-los afastados. — O Pop empurra-me levemente para fora da porta. — Mantém os teus segredos contigo e dá ouvidos ao Darin. Ele toma conta de ti. Vão.

A sombra esguia do Darin envolve-me, agarra-me na mão, e a porta fecha-se atrás de nós. Baixa-se para se confundir com a noite morna, movendo-se silenciosamente pela areia solta do quintal com uma confiança que eu gostaria de sentir. Embora eu tenha dezassete anos, idade suficiente para controlar o medo, agarro-lhe a mão como se fosse a única coisa sólida deste mundo.

Não trabalho para eles, disse ele. Então, para quem trabalha?

Não sei como, mas conseguira aproximar-se o suficiente das forjas de Serra para desenhar em pormenor o processo de criação do bem mais precioso do Império: as *cims* curvas e inquebráveis que conseguem atravessar três homens de uma vez.

Há meio milénio, os Eruditos desmoronaram-se sob a invasão dos Marciais, porque as nossas espadas se partiam contra o seu aço

superior. Desde então, nada aprendemos da arte do aço. Os Marciais guardam os seus segredos como um avaro guarda o seu ouro. Quem quer que seja apanhado perto das forjas da nossa cidade — erudito ou marcial — arrisca-se a ser executado.

Se o Darin não trabalha para o Império, como é que se aproximou das forjas de Serra? Como é que os Marciais ficaram a saber do seu caderno de esboços?

Do outro lado da casa, um punho bate com força na porta da frente. As botas arrastam-se, o aço tine. Olho em volta, desesperada, à espera de ver a armadura prateada e os mantos vermelhos dos legionários do Império, mas o quintal está calmo. O ar fresco da noite não é suficiente para deter o suor que me desce pelo pescoço. Ao longe, ouço o baque dos tambores de Blackcliff, a escola de treino dos Máscaras. O som aguça-me o medo, transformando-o numa ponta que me fere o centro do corpo. O Império não envia aqueles monstros de rosto prateado em qualquer raide.

Ouve-se de novo bater à porta.

— Em nome do Império — brada uma voz irritada —, exijo que abram a porta!

Eu e o Darin imobilizamo-nos simultaneamente.

— Não parece um Máscara — murmura o Darin. Estes falam suavemente, com palavras que nos trespassam como uma *cim*. No tempo de que um legionário precisa para bater à porta e bradar uma ordem, um Máscara já estaria dentro de casa, as armas ceifando quem quer que se atravessasse no seu caminho.

O Darin olha-me nos olhos, e sei que ambos pensamos na mesma coisa. Se o Máscara não está com os restantes soldados junto da porta da frente, então onde está?

— Não tenhas medo, Laia — diz o Darin —, não deixo que nada te aconteça.

Desejo acreditar nele, mas o medo é como uma onda que me agarra os tornozelos e me puxa para o fundo. Penso no casal que vivia ao nosso lado: ambos vítimas de um raide, aprisionados e vendidos como escravos há três semanas. *Contrabandistas de livros*, disseram os Marciais. Cinco dias depois disso, um dos doentes mais idosos do Pop, um homem de noventa e três anos que mal conseguia andar, foi executado na sua própria casa, a garganta cortada de orelha a orelha. *Colaborador da Resistência*.

Que farão os soldados à Nan e ao Pop? Vão prendê-los? Escravizá-los? Matá-los?

Chegamos ao portão de trás. O Darin põe-se em bicos de pés para destrancar o fecho, quando um som áspero no beco o faz parar. Passa uma brisa, qual sussurro, soltando uma nuvem de pó.

O Darin puxa-me para trás dele. Tem os nós dos dedos esbranquiçados em volta do cabo da faca. O portão abre-se com um gemido. O terror percorre-me a espinha como um dedo. Espreito por cima do ombro do meu irmão para o beco.

Não se vê nada exceto o movimento silencioso da areia. Nada para além de uma rajada de vento ocasional e as janelas fechadas dos nossos vizinhos, que dormem.

Suspiro de alívio e ponho-me ao lado do Darin.

É quando o Máscara surge da escuridão e transpõe o portão.

II

ELIAS

O desertor morrerá antes da madrugada.

O seu rasto serpenteia como o de um veado ferido no pó das catacumbas de Serra. Os túneis acabaram com ele. Aqui em baixo, o ar quente é demasiado pesado, o cheiro da morte e da podridão está demasiado próximo.

Quando o encontro, o rasto tem já mais de uma hora. Os guardas já captaram o cheiro do pobre desgraçado. Se tiver sorte, morrerá na perseguição. Se não...

Não penses nisso. Esconde a sacola. Sai daqui.

Os crânios rangem quando lanço um pacote cheio de comida e água para uma cripta aberta na parede. A Helene dava cabo de mim se visse como trato os mortos. Mas, por outro lado, se ela descobrir a razão pela qual estou aqui em baixo, a profanação será a última das suas queixas.

Ela só vai descobrir quando for demasiado tarde. A culpa espicaça-me, mas afasto-a. A Helene é a pessoa mais forte que conheço e ficará bem sem mim.

Pelo que me parece a centésima vez, olho por cima do ombro. O túnel está silencioso. O desertor levou os soldados na direção oposta, mas a segurança é uma ilusão em que sei que não devo confiar. Trabalho depressa, empilhando ossos na parte da frente da cripta para esconder o meu rasto, os sentidos em alerta para tudo o que pareça fora do comum.

Mais um dia disto. Mais um dia de paranoia, de esconderijos e de mentiras. Um dia até à formatura. Depois, serei livre.

Enquanto ponho no lugar os crânios da cripta, o ar quente move-se qual urso a acordar da hibernação. O cheiro a erva e a neve atravessa o bafo fétido do túnel. Restam-me apenas dois segundos para me afastar da cripta, ajoelhar-me e examinar o solo, como se pudesse haver ali um rasto. Depois, ela já está atrás de mim.

— Elias? O que fazes aqui em baixo?

— Não ouviste? Há um desertor em fuga. — Mantenho a atenção fixa no chão poeirento. Debaixo da máscara de prata que me cobre da testa ao queixo, o meu rosto devia ser impenetrável. Todavia, eu e a Helene Aquilla temos estado juntos quase todos os dias dos catorze anos em que treinámos na Academia Militar de Blackcliff. É provável que ela consiga ouvir-me os pensamentos.

Rodeia-me em silêncio, e eu ergo o olhar para o seu, tão azul e tão claro como as águas quentes das ilhas do Sul. A minha máscara cobre-me o rosto, apartada e estranha, escondendo-me as feições e também as emoções. A máscara dela, porém, cinge-se-lhe ao rosto como uma segunda pele prateada, e consigo ver o leve franzir do sobrolho quando olha para mim. *Descontrai-te, Elias*, digo a mim próprio. *Estás apenas à procura de um desertor.*

— Não veio para este lado — diz a Hel. Passa a mão pelo cabelo, como sempre enarançado como uma coroa apertada de um louro prateado. — O Dex levou uma companhia auxiliar da torre de vigia do Norte para o túnel do Ramal Leste. Achas que o apanham?

Embora não tão bem treinados como os legionários e em nada comparáveis aos Máscaras, os soldados *auxs* são caçadores impiedosos. — É claro que o apanham — digo, sem conseguir esconder a amargura na voz. A Helene lança-me um olhar duro. — O sacana do cobardolas — acrescento. — De qualquer modo, por que estás acordada? Não estás de vigia hoje de manhã. — Certificara-me disso.

— A porcaria dos tambores. — Helene olha em redor do túnel. — Acordaram toda a gente.

É claro, os tambores. *Desertor*, haviam trovejado a meio do turno de vigia do cemitério. *Todas as unidades ativas às muralhas*. A Helene deve ter decidido juntar-se à perseguição. Dex, o meu tenente, deve ter-lhe dito em que direção eu partira, sem achar isso nada de especial.

— Pensei que talvez o desertor tivesse vindo para este lado. — Afasto-me da sacola escondida e olho ao longo de outro túnel. — Acho que me enganei. Devia ir em busca do Dex.

— Por muito que odeie admiti-lo, normalmente não te enganas. — A Helene inclina a cabeça e sorri-me. Sinto de novo a mesma

culpa, qual punho a esmurrar-me o ventre. Quando ela souber o que eu fiz, vai ficar furiosa e nunca me perdoará. *Não interessa. Já decidiste e agora não podes voltar atrás.*

A Hel delinea o pó do solo com a mão pálida e experiente. — Nunca vi este túnel na vida.

Uma gota de suor escorre-me pelo pescoço, mas ignoro-a.

— Está calor e cheira mal — comento. — Como tudo o mais aqui em baixo. — *Vamos embora*, desejo acrescentar, mas fazê-lo seria como tatuar-me na testa «Vou fazer asneira». Calo-me e encosto-me à parede da catacumba de braços cruzados.

O campo de batalha é o meu templo. Entoo mentalmente uma máxima que o meu avô me ensinou no dia em que me conheceu, tinha eu seis anos. Insiste que aguça o espírito da mesma forma que a pedra de amolar aguça uma faca. *A ponta da espada é o meu sacerdote. A dança da morte é a minha oração. O golpe mortal é a minha libertação.*

A Helene examina as minhas pegadas indistintas, seguindo-as, não sei bem como, até à cripta onde escondi a sacola, e chega aos crânios aí empilhados. Tem suspeitas, e o ar que nos separa fica subitamente tenso.

Bolas.

Tenho de a distrair. Enquanto olha de mim para a cripta e vice-versa, deslizo um olhar preguiçoso pelo corpo dela. Faltam-lhe cinco centímetros para atingir o metro e oitenta, cerca de quinze centímetros mais baixa que eu. É a única aluna em Blackcliff. No uniforme preto e justo ao corpo que todos os estudantes usam, as suas formas fortes e esguias atraíram sempre olhares admiradores. Não os meus. Somos amigos há demasiado tempo para isso.

Vá lá, repara. Repara em mim a olhar-te de esquelha e fica furiosa.

Quando o meu olhar se cruza com o dela, descarado como o de um marinheiro acabado de chegar ao porto, ela abre a boca como se quisesse atacar-me. Depois, olha de novo para a cripta.

Se vir a sacola e adivinhar as minhas intenções, estou feito. Poderia odiar fazê-lo, mas a lei do Império exigiria que me denunciasses, e a Helen nunca infringiu uma lei na vida.

— Elias...

Preparo a mentira. *Só queria escapular-me por um par de dias, Hel. Precisava de um tempo para pensar. Não te queria preocupar.*

BOOM-BOOM-boom-BOOM.

Os tambores.

Sem pensar, traduzo os batuques desiguais na mensagem que se supõe transmitirem. *Desertor apanhado. Todos os alunos devem apresentar-se imediatamente no pátio central.*

O coração cai-me aos pés. Uma ingénua parte de mim esperava que o desertor conseguisse pelo menos sair da cidade. — Não demorou muito — digo. — Devíamos ir.

Dirijo-me ao túnel principal e a Helene segue-me, como eu já esperava. Ela preferiria vazar um olho a desobedecer a uma ordem direta. É uma verdadeira marcial, mais leal ao Império do que à sua própria mãe. Como todos os bons aprendizes de Máscaras, leva a peito o lema de Blackcliff: *Primeiro o dever, até à morte.*

Interrogo-me sobre o que diria se soubesse o que eu estava realmente a fazer nos túneis.

Interrogo-me sobre o que sentiria se soubesse do meu ódio ao Império.

Interrogo-me sobre o que faria se descobrisse que o seu melhor amigo planeia desertar.

III

LAIA

O Máscara transpõe vagarosamente o portão, as grandes mãos pendendo a seu lado. O estranho metal que lhe dá o nome cinge-se-lhe ao rosto, da testa ao queixo, qual tinta prateada, realçando todos os traços das suas feições, desde as sobranceiras finas até aos ângulos acentuados das maçãs do rosto. A armadura cor de bronze molda-se-lhe aos músculos, enfatizando a força do seu corpo.

A brisa faz ondear a capa preta, e ele olha em redor do quintal como se tivesse chegado a uma festa. Os olhos pálidos descobrem-me, percorrem-me o corpo e detêm-se no meu rosto com o olhar apático de um réptil.

— E não é que és bonita — afirma.

Puxo a bainha esfarrapada do vestido, desejando, desesperada, envergar a saia comprida disforme que uso durante o dia. O Máscara nem sequer se move. Nada no seu rosto me diz o que está a pensar, mas consigo adivinhar.

O Darin avança para a minha frente e olha de relance a vedação, como se calculasse o tempo que levaria a alcançá-la.

— Estou sozinho, rapaz. — O Máscara dirige-se ao Darin com toda a emoção de um cadáver. — Os outros homens estão na tua casa. Se quiseres, podes fugir. — Afasta-se do portão. — Mas insisto em que deixes a rapariga.

O Darin ergue a faca.

— Muito cavalheiresco da tua parte — diz o Máscara.

Depois golpeia, um *flash* de cobre e de prata vindo de um céu vazio. No tempo que levo a soltar uma exclamação, o Máscara encostou

o rosto do meu irmão ao solo arenoso e prendeu-lhe o corpo, que se retorce, com o joelho. A faca da Nan cai na areia.

Solto um grito isolado na quietude da noite estival. Segundos mais tarde, a ponta de uma *cim* pica-me a garganta. Nem sequer o vi sacar da arma.

— Calada — ordena. — Os braços no ar. Agora entra.

O Máscara usa uma mão para agarrar o Darin pelo pescoço e o pôr de pé e a outra para me empurrar com a *cim*. O meu irmão coxeia, o rosto ensanguentado, o olhar turvo. Quando se debate, qual peixe preso no anzol, o Máscara aperta a mão.

A porta de trás da casa abre-se, e um legionário de capa vermelha sai.

— A casa está segura, comandante.

O Máscara empurra o Darin contra o soldado. — Amarra-o. É forte.

Depois, agarra-me pelos cabelos e torce-os até eu gritar.

— Mmmm. — Curva a cabeça até ao meu ouvido, e eu encolho-me, o terror a apertar-me a garganta. — Sempre gostei de morenas.

Pergunto-me se terá uma irmã, uma esposa, uma mulher. Contudo, não fará diferença mesmo que a tenha. Para ele, não sou da família de ninguém, sou apenas uma coisa a ser dominada, usada e deitada fora. Arrasta-me pelo corredor até à sala da frente com tanta indiferença quanta a de um caçador a arrastar a caça. *Luta*, digo a mim própria. *Luta*. Mas, como se ele sentisse a minha tentativa patética de bravura, aperta a mão e a dor percorre-me o crânio como uma lança. Deixo-me cair e permito que me arraste.

Os legionários postam-se ombro com ombro na sala da frente por entre mobília revirada e frascos de compota partidos. *Agora o mercador não vai receber nada*. Tantos dias passados sobre chaleiras a ferver, o meu cabelo e a minha pele a cheirarem a alperce e a canela. Tantos frascos, fervidos e secados, enchidos e selados. Inúteis. Tudo inútil.

Os candeeiros estão acesos, e a Nan e o Pop ajoelham-se no meio do chão, as mãos amarradas atrás das costas. O soldado que agarra o Darin atira-o para o chão junto deles.

— Desejas que amarre a rapariga, senhor? — Outro soldado palpa a corda que traz no cinto, mas o Máscara deixa-me entre dois legionários corpulentos.

— Ela não vai causar problemas. — Perfura-me com aqueles olhos. — Pois não? — Abano a cabeça e encolho-me, odiando-me por ser tão cobarde. Estendo a mão para a pulseira baça da minha mãe

enrolada em volta do antebraço e toco no desenho familiar em busca de conforto. Todavia, não o encontro. A mãe teria lutado, teria morrido em vez de sofrer esta humilhação, mas não consigo mover-me. O medo aprisionou-me.

Um legionário entra na sala, de rosto bastante nervoso. — Não está aqui, comandante.

O Máscara olha para o meu irmão. — Onde está o caderno de esboços?

O Darin olha em frente, em silêncio. A respiração é baixa e regular, e já não parece estonteado. Na verdade, está quase recomposto.

O Máscara faz um gesto, um pequeno movimento, e um dos legionários ergue a Nan pelo pescoço e atira o seu corpo frágil contra a parede. A Nan morde o lábio, os olhos azuis a chispar. O Darin tenta levantar-se, mas outro soldado obriga-o a manter-se no chão.

O Máscara pega num caco de vidro de um dos frascos partidos. A língua dardeja-lhe como a de uma cobra ao provar a compota.

— Que pena ter-se estragado tudo. — Afaga o rosto da Nan com a aresta do caco. — Deves ter sido linda em tempos. Que olhos! — Vira-se para o Darin. — Arranco-lhos com o vidro?

— Está lá fora, junto da janela do quarto pequeno, na sebe. — Não consigo mais que um sussurro, mas os soldados ouvem. O Máscara faz um gesto de assentimento, e um dos legionários desaparece no corredor. O Darin não olha para mim, mas sinto a consternação dele. *Por que me pediste que o escondesse?*, tenho vontade de gritar. *Por que trouxeste aquela maldita coisa para casa?*

O legionário regressa com o caderno. Durante segundos indefiníveis, o único som na sala é o do passar das páginas, à medida que o Máscara folheia os esboços. Se o resto do caderno for semelhante à página que eu encontrei, sei o que o Máscara vai ver: punhais dos Marciais, espadas e bainhas, forjas, fórmulas, instruções: coisas que nenhum erudito devia saber e muito menos recriar em papel.

— Como é que entraste no Bairro das Armas, rapaz? — O Máscara ergue o olhar do caderno. — A Resistência tem andado a subornar algum escravo dos Plebeus para te meter lá dentro?

Abafo um soluço. Parte de mim está aliviada por o Darin não ser um traidor. A outra metade tem vontade de gritar com ele por ter sido tão louco. Associar-se à Resistência dos Eruditos equivale a uma sentença de morte.

— Fui eu que me meti lá dentro — diz o meu irmão. — A Resistência não teve nada a ver com isso.

— Foste visto a entrar nas catacumbas ontem à noite, depois do recolher. — O Máscara parece quase entediado. — Na companhia de rebeldes eruditos bem conhecidos.

— Ontem à noite ele chegou a casa muito antes do recolher — declara o Pop. É estranho ouvir o meu avô mentir, mas não faz diferença. Os olhos do Máscara não largam o meu irmão. O homem nem pestaneja ao ler o rosto do Darin como eu leria um livro.

— Esses rebeldes foram presos hoje — informa. — Um deles deu o teu nome antes de morrer. Que andavas a fazer com eles?

— Eles seguiram-me. — O Darin parece calmíssimo, como se já tivesse feito isto, como se não tivesse medo. — Não os conhecia.

— Contudo, sabiam deste teu caderno. Contaram-me tudo. Como é que ficaram a saber? Que queriam de ti?

— Não sei.

O Máscara pressiona o caco de vidro sobre a pele macia abaixo do olho da Nan, e as narinas dela estremecem. Uma gota de sangue traça uma ruga pelo seu rosto abaixo.

O Darin inspira ruidosamente, o único sinal de tensão. — Pediram-me o caderno — diz. — Eu disse que não. Juro.

— E o esconderijo deles?

— Não vi. Eles puseram-me uma venda. Estávamos nas catacumbas.

— *Onde* exatamente?

— Não vi. Puseram-me uma venda.

O Máscara contempla o meu irmão por um longo momento. Não sei como o Darin consegue manter-se tranquilo sob aquele olhar.

— Tu estás preparado para isto. — A voz dele revela uma pontinha de surpresa. — Costas direitas, respiração funda, as mesmas respostas a perguntas diferentes. Quem te treinou, rapaz?

Como o Darin não responde, o Máscara encolhe os ombros. — Umhas semanas na prisão soltar-te-ão a língua. — Eu e a Nan trocamos um olhar assustado. Se o Darin acabar numa prisão dos Marciais, nunca mais o veremos. Passará semanas a ser interrogado, e depois ou o vendem como escravo ou o matam.

— Ele não passa de um rapaz. — O Pop fala lentamente, como se se dirigisse a um doente irado. — Por favor...

O aço brilha, e o Pop tomba como uma pedra. O Máscara move-se com tanta rapidez, que só compreendo o que ele fez quando a Nan se atira para a frente e solta um lamento agudo, um uivo de pura dor que me faz cair de joelhos.

O Pop. Céus, o Pop não. Uma dúzia de votos queimam-me a mente. Nunca mais desobedecerei, nunca mais farei nada de errado, nunca mais me queixarei do meu trabalho, se, ao menos, o Pop não morrer.

A Nan, porém, puxa pelos cabelos e grita, e se o Pop estivesse vivo não deixaria que ela continuasse. Não teria sido capaz de suportar. A calma do Darin desvanece-se como se tivesse sido cortada por uma *cim*, o rosto pálido com um horror que se me entranha nos ossos.

A Nan põe-se de pé a custo e dá um passo vacilante para o Máscara. Ele estende a mão, como se a fosse pousar no ombro dela, e a última coisa que vejo nos olhos da minha avó é terror. Então, o pulso enluvado cintila uma vez, deixando uma fina linha vermelha na garganta da Nan, uma linha que vai ficando mais larga e mais vermelha enquanto ela cai.

O corpo dela bate no chão com um baque, os olhos ainda abertos e brilhantes de lágrimas, enquanto o sangue lhe jorra do pescoço para o tapete que tecemos juntas no inverno passado.

— Senhor — diz um dos legionários —, uma hora até à alvorada.

— Tirai o rapaz daqui. — O Máscara nem olha de novo para a Nan. — E queimai a casa.

Vira-se então para mim, e desejo poder desvanecer-me como uma sombra na parede atrás de mim. Desejo-o com mais ardor do que já desejei alguma coisa na vida, sempre consciente de como isso é uma tolice. Os soldados que me ladeiam sorriem um para o outro quando o Máscara dá um passo lento na minha direção. Mantém o contacto visual como se pudesse cheirar o meu medo, uma cobra-capelo a enfeitiçar a presa.

Não, por favor, não. Desaparecer, quero desaparecer.

O Máscara pestaneja, uma emoção estranha brilha-lhe no olhar, surpresa ou choque, não sei dizer. Não interessa. É que, neste momento, o Darin salta do chão. Enquanto eu me encolhia de medo, ele desatara as cordas. As mãos estendem-se como garras ao atirar-se à garganta do Máscara. A sua raiva dota-o da força de um leão e, por um segundo, é igualzinho à nossa mãe, o cabelo melado a cintilar, os olhos em chispas, a boca retorcida num esgar selvagem.

O Máscara recua e pisa o sangue que se acumulou junto da cabeça da Nan, e o Darin está em cima dele, derrubando-o, enchendo-o de murros. Os legionários ficam imóveis, incrédulos, recuperando logo em seguida. Avançam, a gritar e a praguejar. O Darin saca de um punhal do cinto do Máscara antes de os legionários o conseguirem confrontar.

— Laia! — grita o meu irmão. — Foge...

Não fujas, Laia, Ajuda-o. Luta.

Mas penso no olhar frio do Máscara, na violência nos seus olhos. *Sempre gostei de morenas.* Vai violar-me. E depois mata-me.

Estremeço e recuo para o corredor. Ninguém me impede. Ninguém repara.

— Laia! — grita o Darin, num tom que nunca lhe ouvi. Desesperado. Encurrulado. Disse-me para fugir, mas, se eu gritasse assim, ele viria. Nunca me abandonaria. Detenho-me.

Ajuda-o, Laia, ordena uma voz na minha cabeça. *Despacha-te.*

E outra voz, mais insistente, mais potente.

Não podes salvá-lo. Faz o que ele diz. Foge.

Na periferia da minha visão, uma chama tremeluz, e cheira-me a fumo. Um dos legionários começara a atear lume à casa. O fogo vai consumi-la em minutos.

— Desta vez amarrai-o como deve ser e levai-o para uma cela de interrogatórios. — O Máscara afasta-se da confusão, esfregando o queixo. Quando me vê a recuar pelo corredor, imobiliza-se de modo estranho. Relutante, olho-o nos olhos, e ele inclina a cabeça de lado.

— Foge, menina — diz.

O meu irmão continua a lutar, e os seus gritos trespassam-me. Sei então que os vou ouvir incessantemente, como um eco, a todas as horas de todos os dias até morrer ou até ter reparado o meu erro. Sei-o.

E, no entanto, fujo.

* * *

As ruas apertadas e os mercados poeirentos do Bairro dos Eruditos passam por mim, indistintos como a paisagem de um pesadelo. A cada passo, uma parte do meu cérebro grita-me que volte, que regresse e ajude o Darin. A cada passo, isso torna-se mais improvável, até nem sequer ser uma possibilidade, até a única palavra em que consigo pensar é *fugir*.

Os soldados vêm atrás de mim, mas eu cresci por entre as casas atarracadas feitas de adobe do bairro e despisto-os rapidamente.

A madrugada desponta, e a minha fuga em pânico transforma-se num andar trôpego, enquanto vagueio de ruela em ruela. Para onde vou? Que faço? Preciso de um plano, mas não sei onde começar. Quem me poderá oferecer ajuda ou conforto? Os meus vizinhos mandar-me-ão embora com medo pelas próprias vidas. A minha família morreu ou

está encarcerada. A minha melhor amiga, Zara, desapareceu num raide no ano passado, e outros amigos têm as suas próprias preocupações.

Estou sozinha.

À medida que o Sol nasce, dou comigo num edifício vazio no coração da parte mais velha do bairro. A estrutura esventrada agacha-se qual animal ferido por entre um labirinto de casas em ruínas. O fedor do lixo contamina o ar.

Aninho-me no canto da divisão. O meu cabelo libertou-se da trança e cai num emaranhado irremediável. Os pontos vermelhos ao longo da bainha do meu vestido estão rasgados, o tecido luminoso sem vida. Foi a Nan quem fez aquelas bainhas para os meus dezassete anos, a fim de alegrar as minhas roupas, normalmente monótonas. Era um dos presentes a que se podia dar ao luxo.

Agora morreu. Tal como o Pop. Tal como os meus pais e a minha irmã, há muito tempo.

E o Darin. Aprisionado. Arrastado para uma cela de interrogatórios, onde os Marciais lhe farão sabe-se lá o quê.

A vida é feita de tantos momentos que nada significam. Então, um dia, chega um momento que vai definir cada segundo que se sucederá. O momento em que o Darin gritou foi um desses momentos. Foi um teste de coragem, de força. E eu falhei.

Laia! Foge!

Por que motivo lhe dei ouvidos? Devia ter ficado. Devia ter feito alguma coisa. Gemo e agarro a cabeça. Continuo a ouvi-lo. Onde estará agora? Já terão começado o interrogatório? Vai pensar no que me terá acontecido. Vai perguntar-se como pôde a irmã abandoná-lo.

Um movimento furtivo muito breve nas sombras chama-me a atenção e deixa-me de cabelos em pé. Uma ratazana? Um corvo? As sombras movem-se e, no seu seio, brilham dois olhos malévolos, aos quais se juntam mais olhos, enviesados e sinistros.

Alucinações, ouço a voz do Pop na minha cabeça a fazer um diagnóstico. *Um sintoma de choque*.

Quer sejam ou não alucinações, as sombras parecem reais. Os olhos cintilam com o fogo de sóis em miniatura e rodeiam-me como hienas, cada vez mais ousadas.

— *Nós vimos* — sibilam. — *Conhecemos a tua fraqueza. Ele vai morrer por causa de ti.*

— Não — murmuro. Mas as sombras têm razão. Deixei o Darin, abandonei-o. O facto de ele me ter mandado ir embora não interessa. Como pude ser tão covarde?

Agarro a pulseira da minha mãe, mas o toque faz-me sentir pior. A minha mãe teria sido mais esperta do que o Máscara. Não sei como, mas teria salvado o Darin, a Nan e o Pop.

Até a Nan foi mais corajosa que eu. A Nan, com o seu corpo débil e os olhos em chispas. A sua coragem de aço. A minha mãe herdou o fogo da Nan e, a seguir a ela, o Darin.

Eu não.

Foge, menina.

As sombras aproximam-se lentamente, e fecho os olhos, na esperança de que desapareçam. Persigo os pensamentos que me cruzam a mente, tentando encurralá-los.

Ao longe, ouço gritos e o baque de botas. Se os soldados continuam à minha procura, não estou segura aqui.

Talvez devesse deixá-los encontrar-me e fazer o que quiserem. Abandonei os do meu sangue. Mereço castigo.

Todavia, o mesmo instinto que me levou a fugir ao Máscara faz-me pôr de pé. Dirijo-me às ruas, perdendo-me entre a multidão matinal, que vai engrossando. Alguns dos Eruditos miram-me duas vezes, alguns suspeitosos, outros compreensivos. A maioria, porém, nem olha, o que me faz pensar em quantas vezes terei passado nestas ruas por alguém que fugia, alguém a quem tinham acabado de destruir o mundo.

Paro para descansar numa viela escorregadia de excrementos. Um fumo espesso e negro sobe em espirais do outro lado do bairro, desvanecendo-se à medida que se ergue para o céu escaldante. A minha casa, a arder. As compotas da Nan, os remédios do Pop, os desenhos do Darin, os meus livros, destruídos. Tudo o que sou. Destruído.

Nem tudo, Laia. O Darin não.

No centro da viela, a poucos passos de mim, existe uma grelha de metal. Como todas as grelhas do bairro, conduz às catacumbas de Serra, antro de esqueletos, fantasmas, ratazanas, ladrões... e possivelmente a Resistência dos Eruditos.

Teria o Darin andado a espiar para eles? Teria sido a Resistência a introduzi-lo no Bairro das Armas? Apesar do que o meu irmão contou ao Máscara, é a única resposta que faz sentido. Dizem os rumores que os combatentes da Resistência se têm tornado mais ousados, recrutando não só Eruditos, mas também Mareantes do país livre Marear, a norte, e Tribalistas, cujo território deserto é um protetorado do Império.

O Pop e a Nan nunca falaram da Resistência na minha frente, mas à noite, já tarde, ouvia-os sussurrar sobre como os rebeldes libertavam prisioneiros dos Eruditos e atacavam os Marciais. De como os

combatentes assaltavam as caravanas da classe mercante dos Marciais, os Mercatores, e assassinavam membros da sua classe alta, os Ilustres. Só os rebeldes se erguem contra os Marciais. Embora esquivos, são a única arma que os Eruditos possuem. Se alguém se consegue aproximar das forjas, são eles.

Dou-me conta de que, se alguém me pode ajudar, é a Resistência. A minha casa foi assaltada e queimada, a minha família assassinada porque dois rebeldes deram o nome do Darin ao Império. Se eu conseguir encontrá-los e explicar o que aconteceu, talvez me possam ajudar a libertar o Darin da prisão, não só por estarem em dívida para comigo, mas por viverem segundo o *Izzat*, um código de honra tão antigo como o povo erudito. Os líderes rebeldes contam-se entre os melhores dos Eruditos, os mais corajosos. Os meus pais ensinaram-me isso antes de o Império os matar. Se eu pedir ajuda, a Resistência não me voltará as costas.

Dou um passo em direção à grade.

Nunca estive nas catacumbas de Serra. Serpenteiam por baixo de toda a cidade, centenas de quilómetros de túneis e cavernas, algumas a abarrotar de ossos acumulados ao longo dos séculos. Já ninguém usa as criptas para funerais, e nem o Império mapeou totalmente as catacumbas. Se o Império, com todo o seu poder, não consegue apanhar os rebeldes, como vou eu encontrá-los?

Não vais parar até o conseguires. Ergo a grelha e fico a olhar para o buraco negro lá em baixo. Tenho de descer. Tenho de encontrar a Resistência, porque, se não encontrar, o meu irmão não tem qualquer hipótese. Se não encontrar os combatentes e conseguir a ajuda deles, não volto a ver o Darin.